

## SÍMBOLOS VISUAIS JUDAICOS

Ana Szpiczkowski\*

*Resumo:* Dentre os diversos elementos que compõem o judaísmo destacamos a questão dos "símbolos" como um fator que têm ocupado um papel significativo no mundo judaico. Damos atenção especial aos símbolos que se manifestam visualmente, particularmente a três deles: o *Maguen David* (escudo de David) a *Menorá* (candelabro) e a *Mezuzá* (pergaminho com versículos bíblicos que se fixa no batente direito da porta).

*Palavras-chave:* símbolos judaicos.

O "símbolo", figura ou imagem que serve para designar algo, por meio de desenhos, pinturas, esculturas ou expressões figuradas é, essencialmente, a linguagem a qual se recorre para expressar vivências, sentimentos e expressões.

Para Erich Fromm (*in Rosenberg*), é por meio de símbolos que podemos "traduzir" sentimentos a um vocábulo ou a uma figura, conduzindo-os desta maneira a uma linguagem convencional, aceitável e compreensível no meio em que vivemos.

Nem todos os símbolos são universais. Há aqueles que constituem uma linguagem individual, privativa, mas há, também, símbolos comuns a um grupo de pessoas, cujo sistema de associação e seu mundo interior nutrem-se das mesmas fontes e de uma cultura comum. Quando esse grupo se amplia e abrange a todo um povo, o símbolo comum recebe o nome de símbolo nacional ou de emblema nacional. A partir do momento em que uma palavra, um acontecimento ou um objeto passam a ser aceitos como símbolo, deixam de significar seu significado imediato e passam a representar um mundo de idéias e emoções.

---

\* A autora é Prof. Dr.ª. do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

Existe um tipo de símbolo que se expressa em figuras, formas geométricas, ornamentais etc... Os símbolos nacionais que representam idéias, conceitos ou lemas encontram-se entre eles, e são traduzidos pela expressão plástica transmitida de geração a geração.

O mundo judaico criou uma série de símbolos que representam, não somente seu significado exterior, mas, um mundo de idéias e emoções.

Alguns desses símbolos foram adotados com o correr do tempo, também, por outros povos. É o caso, por exemplo, das Tábuas da Lei. Também os judeus, por sua parte, absorveram símbolos dos povos em cujo seio viveram, deixando de lado sua interpretação original, adaptando-os e convertendo-os em valores espirituais judaicos.

Há, entretanto, uma série de símbolos originais que são signos de identificação judaica e sinal de pertinência do indivíduo ao povo judeu.

Destacamos três desses símbolos visuais, os quais, sem nenhuma sombra de dúvida, representam e pertencem ao povo judeu. São eles: a *Menorá* (candelabro), o *Maguen David* (escudo de David) e a *Mezuzá* (pergaminho com versículos bíblicos que se fixa no batente direito da porta).

## A MENORÁ

De origem hebraica, a *Menorá* – candelabro, é um objeto de iluminação que contem sete braços, e expressa verbal e visualmente uma associação direta ao povo judeu.

Trata-se, como poderemos observar adiante, de um símbolo múltiplo, espiritual, religioso e nacional.

Já no livro do Êxodo, no capítulo que se refere ao Tabernáculo (25: 31-40), o candelabro aparece como um dos objetos de culto mais importantes. A *Menorá* de ouro de sete braços era, também, um dos objetos mais importantes e presentes nos dois Templos de Jerusalém.

A primeira fonte bíblica em que o candelabro aparece como símbolo reconhecido encontra-se na quinta visão de Zacarias, em que ele expressa

suas profecias usando o castiçal de ouro de sete braços como símbolo do Espírito Divino que acompanha o povo judeu e o levará de volta à Terra de Sion, e que destaca a superioridade do espírito sobre a matéria (Zacarias 4: 1-6).

Dada a visão de Zacarias relacionada ao futuro messiânico do retorno do povo à sua terra, associada ao candelabro como símbolo da conclusão do Templo e da renovação da vida espiritual do povo judeu, fica clara a contribuição da *Menorá* como símbolo messiânico, que com suas velas, constitui uma fonte de luz para o futuro do povo judeu.

Em todas estas referências, porém, a *Menorá* foi somente objeto de uma descrição verbal e não de uma representação plástica. Uma das mais antigas representações plásticas daquilo que poderia ter sido o candelabro do Templo encontra-se em um baixo relevo de pedra no Arco de Tito em Roma, que retrata soldados romanos carregando objetos do Templo, na destruição do segundo Templo, por Tito (70 d. C.). A *Menorá* que se destaca no centro do citado Arco, ao invés de enfatizar a submissão e humilhação dos judeus, foi adotada como escudo e emblema nacional do Estado de Israel. Isto porque a vida independente nesse país permitiu ao seu povo recuperar o símbolo que lhes fôra arrebatado há dois mil anos; e que não deixou de ser parte dos seus sonhos e esperanças, através das gerações.

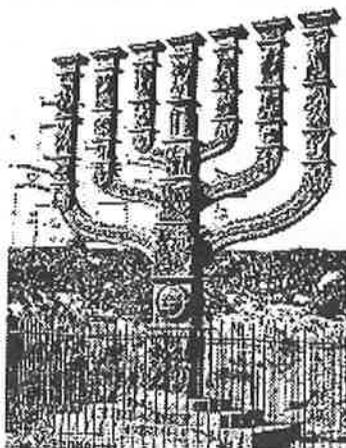


Foto1 – Aaron acende a Menorá – 1278, da Bíblia Franco-Hebraica – Museu Britânico.



זה המנורה ואתה דן העותן שמן בצורות

Foto 2 – Menorá de bronze – no pátio do parlamento em Jerusalém; presente dos ingleses a Israel.



## O MAGUEN DAVID

Estrela de seis pontas, ou hexagrama, o *Maguen David* – *escudo de David*, é composto por dois triângulos entrelaçados, e se converteu em um dos símbolos mais identificados com o povo judeu. Embora amplamente reconhecido hoje em dia como símbolo judaico, não parece ter tido papel tão distintivo no passado distante.

Sua origem, segundo vários estudiosos, entre eles o filósofo judeu Guershon Scholem (1897-1983), é desconhecida. Deduz-se, entretanto, que seja bem remota, uma vez que é encontrado entre as civilizações antigas, tais quais as egípcias, as chinesas, as hindus e as peruanas.

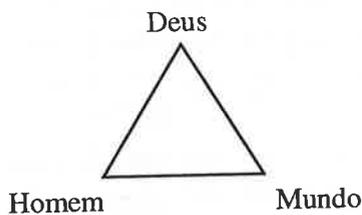
As diferentes pesquisas apontam para o séc. VII a.C. como a primeira vez em que o *Maguen David* aparece relacionado a assuntos judaicos, em um selo hebraico descoberto em Sidon. Mais tarde, no séc. III a.C., ele é encontrado em Tarento, na lápide de Leon Ben David, na sinagoga de Tel Hum, também muito antiga, no muro de Jerusalém etc.

A partir do séc. XI é possível encontrar o *Maguen David* em escudos de famílias judias e nos selos da comunidade judaica.

Na realidade, este símbolo passou a ser usado em substituição a outros, tais como as Tábuas da Lei e o de Leão de Judá, cujas figuras começaram a ser utilizadas nas portas de igrejas e por gentios, perdendo dessa forma sua exclusividade como emblema judaico.

A opção por uma forma geométrica neutra, de dois triângulos cruzados, segundo Franz Rosenzweig<sup>1</sup>, tem um significado mais amplo do que a simples junção de linhas triangulares. Ele afirma que o triângulo básico do *Maguen David* é o símbolo das três grandes buscas da filosofia universal anti-panteísta: Deus, Homem e Mundo, cada um com sua própria natureza separada.

Para Rosenzweig, a teologia e a fé bíblica complementam a filosofia, como um segundo mundo, e vêm suprir as conexões entre Mundo, Homem e Deus, através da “Criação, Revelação e Redenção”. Ele vê como uma possibilidade sempre presente o relacionamento entre Deus e o Mundo (criação), entre Deus e o Homem (revelação) e entre o Homem e o Mundo (redenção). As duas tríades da síntese filosófico-teológica de Rosenzweig são vistas como triângulos interligados formando uma simbólica Estrela de David, denominada por ele de “Estrela da Redenção”.



A Criação, o primeiro destes três conceitos superpostos ao triângulo inicial, situa a Deus fora do Mundo, e vê no Mundo a obra de Deus. Assim, entre Deus e o Mundo, a Bíblia inseriu a idéia da Criação.

<sup>1</sup> (1886-1929) Filósofo existencialista judeu, contemporâneo de Martin Buber.

A Revelação se refere ao possível contato entre Deus e o Homem, e se materializa na Bíblia, a Doutrina, os preceitos e normas de comportamento que nascem na palavra de Deus. Assim, entre Deus e o Homem a Bíblia inseriu a idéia da Revelação.

Por meio da Criação e da Revelação chegamos à idéia da Redenção, que é a atuação do Homem no Mundo, salvando-o dos fatos do destino. O Homem aparece na Bíblia como construtor do Mundo, completando a obra de Deus.

Com o passar do tempo, o *Maguen David* converteu-se no símbolo oficial de importantes comunidades judaicas, como a comunidade judaica de Praga (1526) e outras comunidades da Bohemia e da Áustria. Porém, o *Maguen David* somente foi aceito como um símbolo diferencial entre os judeus e os cristãos quando, em Viena, esse símbolo foi reconhecido para os judeus tal qual a cruz é reconhecida como símbolo do cristianismo.

A partir deste momento, o *Maguen David* passou a ser considerado em toda a Diáspora como um símbolo do judaísmo.

Ele foi adotado, também, em um selo, símbolo dos grupos que antecederam o sionismo político, com a palavra "Sion" estampada no seu centro.

Em 1897, com a criação do órgão periodístico da Organização Sionista "Die Welt", por Theodor Herzl<sup>2</sup> que ostentava o *Maguen David* em seu cabeçalho, a expressão deste símbolo atingiu o seu auge.

Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha e com a instituição de leis discriminatórias contra os judeus, esses foram obrigados à ostentar o *Maguen David* em suas vestimentas, como sinal de desonra, humilhação e diferenciação.

Apesar do Holocausto e de toda a perseguição nazista contra os judeus, simbolizada por este emblema, os judeus conseguiram transformá-lo em um símbolo de orgulho nacional, a ponto de ter sido bordado no centro da bandeira de Israel, tornando-se o mais popular emblema do povo judeu.

<sup>2</sup> "Pai" do sionismo moderno, criador do sionismo político que defendia a concentração judaica na Terra de Israel. Seus esforços foram coroados com a criação da Organização Sionista (1897) e, meio século mais tarde com o surgimento do Estado de Israel (1948).

Foto 3 – Desfile do Dia da Independência de Israel em Nova York, com a bandeira de Israel cujo símbolo central é o Magen David.



Foto 4 – Menina judia em Berlim, na época nazista, com o símbolo do Magen David preso no seu casaco.



## A MEZUZÁ

*“E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas”* (Deuteronômio, 6:9 e 11:20)

Esses versículos da Bíblia dão origem ao cumprimento de um mandamento divino, representado pelo símbolo da *Mezuzá*, cujo significado literal é “umbral” ou “batente da porta”.

Apesar da suposição de que a palavra *Mezuzá* derive de uma palavra assíria, *Manzazu*, sua etimologia é obscura.

Esse símbolo, consiste em um rolo de pergaminho, feito por um escriba, contendo o texto manuscrito dos dois primeiros parágrafos do *Schemá*,<sup>3</sup> e de outros versículos bíblicos.<sup>4</sup> Tais textos, tratam do amor ilimitado a um só Deus, da recompensa divina e da responsabilidade humana, e são inseridos em um estojo de prata, bronze, ferro, vidro, madeira ou acrílico, fixado no batente direito das portas da casa, que tem o nome divino – *Schadai* – escrito no reverso, no lado de fora do pergaminho. Por sinal, essa palavra hebraica, segundo alguns, é a abreviação das palavras hebraicas *Schomer Dlatot Israel* – guardião das portas de Israel.

A mais remota evidência do cumprimento do mandamento da *Mezuzá* data do período do segundo Templo, quando Josephus (37-100 d. C.) falou sobre seu emprego como um antigo e apropriado costume.

A presença desse símbolo na porta das casas vem lembrar aos seus usuários a unicidade de Deus e, por isso, é costume beijá-la a cada vez que se passa pela porta.

Seu sentido ético-religioso foi substituído na Idade Média por crenças supersticiosas, quando passou a ser considerado como um simples amuleto, a fim de salvaguardar dos espíritos malignos. Esta posição foi duramente combatida e refutada por Maimônides em sua obra *Yad Hazaká*

<sup>3</sup> “Ouve ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um” (Deut. 6: 4-9, 11: 13-21; Núm. 15: 37-41). É uma afirmação de Monoteísmo e solicita que o homem ame Deus com todo o seu coração, toda a sua alma e toda a sua força.

<sup>4</sup> Deuteronômio 11: 13-21.

– *Mão Forte*, por ser resultado de “falsas interpretações e usos errôneos” da *Mezuzá*.

É possível encontrar inscrições similares nos umbrais das casas dos antigos egípcios e dos maometanos, mas nenhuma teve por base o postulado ético “escreverás estas palavras nos umbrais de tuas portas”.

Por se tratar de um símbolo visual muito difundido no judaísmo, as *Mezuzot*<sup>5</sup> foram recebendo, com o passar dos tempos, um refinamento artístico considerável no mundo das artes israelenses, sendo que sua divulgação e a extensão de seu uso no judaísmo, independentemente do caráter que se lhe atribui, representam o distintivo da casa judaica, onde não somente se reconhece, mas também se cultiva o espírito da Lei Divina.

A origem dos símbolos, como podemos observar, não está relacionada, diretamente, com a necessidade de representação de um mundo de idéias e emoções particulares; o processo de seu credenciamento tal qual símbolo, envolve, primeiramente, seu uso como objeto, figura, formas geométrica, ornamental etc...

Na medida em que esse objeto vai sendo associado, ao longo do tempo, a conhecimentos e referências históricas, geográficas, afetivas, artísticas, científicas, místicas, religiosas etc., passam a fazer parte de um determinado repertório, diferenciado e específico, composto por símbolos. Os símbolos nacionais que representam idéias, conceitos ou lemas encontram-se entre eles, e são traduzidos pela expressão plástica transmitida de geração a geração.

O mundo judaico criou uma série de símbolos que representam, não somente seu significado exterior, mas, um mundo de idéias e emoções.

A *Menorá*, por exemplo, aparece pela primeira vez como um objeto pertencente ao serviço do Templo (Êxodo, 37: 17), com sua forma pormenorizada.

O mesmo se dá com o *Maguen David*, de origem desconhecida e, provavelmente, utilizado para discussões filosóficas, acabou adquirindo uma carga simbólica representativa de uma determinada ideologia do judaísmo, e que foi exacerbada no período do nazismo.

---

<sup>5</sup> Plural de *Mezuzá*.

A *Mezuzá*, por sua vez, nasceu como um mandamento divino, mas que com o passar do tempo e das diferentes épocas, passou a receber uma carga simbólica, a ponto de, nos dias de hoje, estar sendo colocada nos umbrais de praticamente todas as casas judaicas, sem estar necessariamente associada ao cumprimento de um mandamento religioso, mas, como representação da residência de um judeu, ou mesmo, como simples adorno.

**Foto 5** – Mezuzá, 1470, Norte da Itália, de um livro dos Rotschild – É costume tocar a Mezuzá com a ponta dos dedos, ao vê-la, e então beijá-los, ao entrar ou sair de casa – Museu de Israel, Jerusalém.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Enciclopaedia Judaica. Keter Publishing Home Jerusalem Ltda., 1972, v. 11, p. 1474-1477.
- The Jewish Encyclopedia. NY/London: Funk & Wagnalls Company, 1916, v. 8, p. 531-532.
- Kolatch, A. J. *Livro Judaico dos Porquês*. São Paulo: Sêfer Ltda., 1981.
- Blikstein, Izidoro. *Técnicas de Comunicação Escrita*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 12. ed., 1995.
- Link, P. "Bases del Judaísmo". In: *Material de Estudio – Judaísmo*. Institute for Youth Leaders from Abroad, World Zionist organisation, Youth and Hechalutz Department, p. 25-31.
- Rosenberg, S. e Beckerman, T. *Bar Mitzvá – Trece Charlas sobre Judaísmo*. Universidade Aberta de Israel, Israel, 1984.
- Seltzer, R. M. *Povo Judeu, Pensamento Judaico II – A Experiência Judaica na História*. Rio de Janeiro: A. Koogan editor, 1989. Tradução de Maria Lúcia White Pereira Braga e Heloísa de Oliveira e Cruz.
- Unterman, A. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. Tradução de Paulo Geiger.

Obs.: As fotos são do acervo de Jairo Fridlin, Livraria Sêfer.

*Abstract: Among the several elements constituting Judaism, symbols are high-light as a main factor playing a meaningful role in the Jewish World, with a special attention for three visual symbols: Maguen David, Menorah and Mezuza.*

*Keyword: Symbols of Judaism.*